

50 minutos de tensão: alguns desafios enfrentados no ensino de língua espanhola sob uma perspectiva de emancipação da classe trabalhadora em escolas públicas.

Allana Manuella Alves dos Santos¹; Dante Henrique Moura²; Marcela Rafaela Gomes de Souza³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

allanamas.mas@gmail.com.br

Dantemoura2014@gmail.com

marcela20souza@hotmail.com

Resumo: O presente texto é fruto das discussões realizadas na disciplina Práticas integradoras na Educação Profissional, ministrada no Instituto Federal, de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), no âmbito do Programa de pós Graduação em Educação Profissional (PPGEP), e versa sobre alguns desafios referentes ao fazer do professor de língua espanhola, numa perspectiva de emancipação da classe trabalhadora. Com a reforma do ensino médio, lei nº 13.415, de 2017, a lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005, que tornou obrigatória a inclusão do espanhol como uma opção de língua estrangeira no currículo do ensino médio das escolas públicas brasileiras, foi revogada e o que antes era uma possibilidade, mesmo que muito pequena, de aquisição de uma nova língua, torna-se algo ainda mais distante, uma vez que a reforma inviabiliza ainda mais a possibilidade dessa oferta, ao estabelecer itinerários formativos, que contemplarão disciplinas diferentes, de acordo com a organização do currículo de cada um. As discussões aqui suscitadas consideram alguns fatores que perpassam a formação, bem como elementos importantes ao fazer cotidiano desses profissionais. Para subsidiar nossas reflexões, que têm como objetivo pensar acerca dos desafios e das possibilidades formativas proporcionadas pela disciplina de língua espanhola, no currículo do ensino médio brasileiro, em especial das escolas da rede pública, nos utilizamos do pensamento dialético e nos respaldamos em Moura (2012, 2013), Frigotto (1996), Mészáros (2008), entre outros. Concluímos que a prática profissional do professor de língua espanhola, numa perspectiva integradora, onde os conhecimentos inerentes à aprendizagem do idioma também sejam propulsores de conscientização, é um caminho viável para uma formação que vai além da aquisição de uma língua. No entanto, para que essa prática alcance êxito, entre outras coisas, faz-se necessário não apenas disposição dos envolvidos, mas que haja garantia de condições, para uma atuação docente com qualidade.

Palavras-chave: Emancipação da classe trabalhadora, Ensino de espanhol, Reforma do Ensino médio, Educação integral.

INTRODUÇÃO

As práticas transformadoras, têm ocupado lugar de destaque nos debates educacionais da atualidade e muito se tem produzido a esse respeito, porém, muitos educadores, por não terem uma compreensão clara acerca do que realmente são essas práticas e do papel que

¹ Mestranda em educação - PPGEP/IFRN. Professora de língua espanhola da Rede Estadual de ensino do Rio Grande do Norte.

² Doutor em Educação (Universidad Complutense de Madrid). Professor do PPGEP/IFRN

³ Mestre em educação – PPGEP/IFRN . Professora de língua espanhola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte.

desempenham neste cenário, ainda se angustiam, buscando respostas aos questionamentos decorrentes de seus fazeres cotidianos.

O presente texto versa sobre alguns desafios, referentes ao fazer profissional do professor de língua espanhola, numa perspectiva integral e é resultado das discussões desenvolvidas na disciplina “Práticas pedagógicas em educação profissional”, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Para subsidiar teoricamente a discussão, nos fundamentamos em autores que apresentam um posicionamento teórico/crítico diante do objeto em questão.

POSSIBILIDADES E DESAFIOS

O primeiro desafio que nos vem à mente quando pensamos sobre o fazer de um professor de língua espanhola é o de ensinar com qualidade o idioma. Porém, se considerarmos a complexidade do processo de ensino/aprendizagem e os demais papéis que têm o estudo de uma língua estrangeira na vida de uma pessoa, logo encontraremos uma série de outros desafios decorrentes desse processo de ensino, subjetivos, mas igualmente complexos e que subjazem o fazer docente.

O ensino de uma língua estrangeira está fortemente ligado a uma série de questões de ordem histórica, política, social e cultural que, se bem contextualizadas, poderão servir de base para a aprendizagem de elementos gramaticais, de compreensão textual, para fomentar o exercício e o desenvolvimento de produção oral, além de proporcionar reflexões e discussões importantes para a formação crítica dos envolvidos no processo.

A concepção de mundo que defende um professor de espanhol, será fator determinante da maneira como conduzirá suas aulas, as discussões que serão priorizadas, bem como as reflexões que promoverá no exercício de suas atividades docentes, tendo como ponto de partida os conteúdos explorados.

Discutir o papel social e a identidade dos profissionais da educação dentro de um quadro de disputas ideológicas acirradas como o que vivemos, não é tarefa fácil. Principalmente em um cenário de desvalorização profissional e, muitas vezes, de falta de condições mínimas para a realização de um trabalho de qualidade.

Nessa realidade, o professor precisa se reconhecer como membro de uma sociedade de classes, trabalhador, para ser solidário aos seus pares e para lutar por mudanças e é também

dentro da sala de aula que essa luta poderá ser concretizada todos os dias, conforme afirma Moura (2012):

[...] existe uma autonomia relativa do professor sobre o projeto formativo, isso é muito bom e a gente não pode abrir mão de compreender isso. [...] Nós temos uma autonomia relativa. Relativa porque ela existe na legislação, existe uma lei que determina, mas nós sabemos que quando estamos em sala de aula com os nossos alunos, nós temos uma autonomia muito importante, então, apesar de algumas diretrizes irem em determinada direção, nós, se temos a consciência, o conhecimento e o compromisso ético-político, dentro de nossas salas de aula, temos um espaço de autonomia muito importante [...] (Informação verbal)

Conscientes da autonomia que possuem em sala de aula e do papel social que deverão desempenhar nos espaços em que transitam, os professores trabalharão para o alcance de seus objetivos, que deverão estar bem definidos, para que seus esforços sejam direcionados, “a essência destes objetivos é a formação de um homem que se considere membro da coletividade” (Pistrak 2000). Diante disso, é extremamente importante que haja por parte de professores, em nosso caso, mais especificamente, os professores de espanhol, uma reflexão no sentido de se questionarem a respeito dos benefícios que suas práticas pedagógicas poderão proporcionar no que se refere a sociedade em que estão inseridos, se suas práticas têm contribuído com a mudança do quadro de desigualdades sociais em que se encontra o mundo, se têm refletido com seus alunos sobre a individualização das pessoas, se discute sobre as contradições da sociedade contemporânea e o papel de cada cidadão na mudança da realidade que se nos apresenta, se possui um projeto de intervenção comprometido com a garantia de uma educação humanizadora.

Os professores necessitam ter clareza quanto ao papel da educação na vida de seus alunos e, principalmente, quanto à responsabilidade que têm em reforçar ou em tentar superar as contradições impostas pela sociedade em que vivem, muitas vezes apresentada como se fosse a única realidade possível, conforme afirma Frigotto (1996):

No plano cultural e ético-político, a letalidade da ideologia neoliberal se apresenta de forma cruel. De um lado, sedimenta-se a ideia de que não há outra forma de relações sociais possível e desejável que não seja as relações capitalistas. (FRIGOTTO, 1996, p.86)

O que está em jogo é uma prática que contemple a construção de uma nova sociedade, sob a perspectiva de formar cidadãos emancipados, pois “sob a égide do capitalismo, não há futuro para milhões de crianças, jovens, adultos e idosos.” (FRIGOTTO, 1996, p.94).

Sabemos que “em sociedades fortemente desiguais e subordinadas ao mercado global excludente, como a sociedade brasileira” (FRIGOTTO, 1996, p.93), trabalhar sob essa perspectiva, constitui-se em algo ainda mais complexo, devido também aos diversos problemas de ordem estrutural, porém, é necessário, antes de qualquer condição para a concretização das ações, a realização das reflexões anteriormente mencionadas. Os professores precisam estar comprometidos com a causa, com seus papéis como educadores e ter a convicção de que as posturas adotadas trazem em si consequências concretas para o alcance dos objetivos com os quais têm compromisso.

Partindo das reflexões aqui feitas até o momento, é importante que, sob o ponto de vista de uma atuação contra-hegemônica, também pensemos no que afirma Frigotto (1996):

Nas condições objetivas das relações sociais capitalistas, dentro das quais atuamos, esta perspectiva contra-hegemônica é, sobretudo hoje, considerada um devaneio. Aqui, o desafio é vencer a pedagogia da desesperança, e da falta de alternativa ao *status quo*. (FRIGOTTO, 1996, p. 100)

Gostaríamos de enfatizar que é importante reafirmar cada vez mais a importância de que os professores tenham compromisso com a classe trabalhadora e não com o capital, isso representaria importante impacto na qualidade da educação em nosso país. Mas para que isso aconteça, é necessário que tenham uma apreensão significativa do impacto que suas práticas têm na materialidade dessa melhoria.

A decisão pela qualidade do trabalho é fator determinante para uma prática comprometida socialmente, uma vez que o professor não poderá abrir mão dos conteúdos programáticos de sua disciplina, mas poderá propor-se a intervir a partir dela, a desenvolver consciências críticas, capazes de compreender a realidade que o cerca, tendo como desafio a construção de uma história sob uma nova perspectiva. Corroboramos, portanto, com o que afirma Kuenzer (2011, p. 686) “o enfrentamento das desigualdades, pela via da democratização dos conhecimentos que minimamente permitirão aos alunos participar, da melhor forma possível, da vida social e produtiva.”

O caráter reducionista e simplificador com que algumas pessoas compreendem o ato de ensinar uma língua estrangeira, torna-se um empecilho na hora de pensar todas essas possibilidades. Chamamos reducionista e simplificador o olhar lançado sobre a aprendizagem de um idioma, como sendo pura e simplesmente a aquisição de habilidades escritas, orais, leitoras e auditivas.

Esse olhar equivocado sobre as práticas pedagógicas, bem como sobre as

responsabilidades que cada ator desse complexo processo tem, tende a supervalorizar as competências técnicas e desvalorizar a formação para a cidadania, a formação humana, que também merecem atenção especial e que deverão acontecer através dos conteúdos abordados.

As medidas oficiais tendiam a ser animadoras na teoria, no caso da obrigatoriedade da oferta do ensino de língua espanhola em escolas da rede estadual de ensino, pela aprovação da lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005, mesmo que, na prática, os professores esbarrassem em questões como a falta de estrutura física e de material e o reduzido tempo destinado à disciplina, que tem sido, na melhor das hipóteses, de cinquenta minutos semanais em cada turma. No entanto, com a aprovação da reforma do ensino médio, a maioria dos estados que se quer haviam constituído quadro de professores da disciplina, para adequação ao que preconizava a legislação, agora não mais dedicarão esforços a essa questão.

Ainda assim, os desafios que estão postos, diante de um quadro de desigualdades que tem se agravado a cada dia, através da educação, fomentar ações que viabilizem uma sociedade justa, verdadeiramente democrática e fomentar um projeto societário distinto do que temos atualmente.

A educação sob uma perspectiva integral, é uma via pela qual os professores poderão caminhar na direção da tão sonhada mudança. Uma importante reflexão que surge das discussões feitas até agora, é sobre a formação desses profissionais da educação, uma vez que, mesmo sendo com vistas à prática crítico-reflexiva, ocorre sob a lógica do capital, o que fatalmente provoca interferências nesse processo e, conseqüentemente, na prática pedagógica desses profissionais, conforme afirma Kuenzer (2011, p. 670) “[...] mesmo que, na ponta da formação, a proposta seja marcada pelos interesses hegemônicos, as condições materiais de sua realização, pela sua natureza capitalista, determinam práticas contraditórias.”.

Proporcionar aos professores uma formação ativa, participativa, no sentido também de tentar eliminar elementos de conformação dos indivíduos, para que se percebam enquanto protagonistas da luta ideológica, ainda nos parece um desafio inerente à práticas integradoras. Principalmente pela complexidade da realidade em que estamos submersos, conforme Ribeiro (1995, p. 7) “É necessário (mesmo que não suficiente) a todo ser humano o conhecimento, cada vez mais rigoroso, profundo e abrangente da realidade sobre a qual atua, transformando-a praticamente e transformando-se enquanto ser humano;”. Urge que durante a formação, os futuros docentes, sejam incentivados a intervir na transformação da realidade em que vivem, trata-se de refletir sobre os projetos de formação que estão em disputa, bem como, sobre a decisão pela qualidade do trabalho, trabalho este, que deverá ser comprometido sempre com a

emancipação da classe trabalhadora e com a superação do modelo econômico a que estamos submetidos, o professor precisa compreender-se, como pessoa que possibilita ao aluno, perceber-se como responsável ativo no processo de transformação da sociedade.

Concebemos esses professores como aqueles que farão opções pedagógicas que privilegiarão não apenas os conhecimentos específicos de sua disciplina, mas que através destes estabelecerão, como eixo norteador de suas práticas, a tentativa de rompimento com o capitalismo. Considerando como um forte motivo para este rompimento, a seguinte afirmação:

O impacto da incorrigível lógica do capital sobre a educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema. Apenas as modalidades de imposição dos imperativos estruturais do capital no âmbito educacional são hoje diferentes, em relação aos primeiros e sangrentos dias da “acumulação primitiva”, [...]. É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, [...] (MÉSZÁROS, 2008, p.35).

Diante disso, fica clara a importância da intervenção dos professores no cotidiano escolar através da prática pedagógica, reafirmando o compromisso que têm com a garantia da educação de qualidade para todos, como direito social, o que a lógica capitalista insiste em negar.

Pensando na sociedade que desejamos construir, a relação entre as competências técnicas e as competências humanistas, na prática docente, deveriam ter importâncias equalizadas. Essa equalização certamente, fomentaria ações preocupadas “em estabelecer uma relação dinâmica com a sua época e, por extensão, com a história, sem o que o dinamismo da relação professor/aluno não se efetive.” (RIBEIRO, 1995, p. 8). Ao mesmo tempo, esse professor não deixaria de lado a preocupação com os conhecimentos próprios da disciplina.

De acordo com o pensamento de Ribeiro (1995), a preocupação em interagir e, com isso, interferir no contexto em que vive, é elemento constituinte do fazer docente. Essa interferência poderá ocorrer de diversas maneiras, entre as quais podemos citar o incentivo aos alunos para que participem de programações que tenham como objetivo discussões de natureza política e social. Orientado por essa lógica, o professor estará atuando em uma perspectiva contra-hegemônica, no sentido de que estará contribuindo para a formação cidadã de seus alunos, superando assim, uma prática apenas conteudista, o que corrobora com o que defende Moura (2013) quando afirma que “é possível, e necessário, plantar e cuidar para que cresçam as sementes da formação humana integral, aproveitando-se das contradições do

sistema capital.”

Essa perspectiva de ação docente caminha na direção da utilização da sala de aula e dos conteúdos de uma disciplina como produtores de contra-hegemonia. Isso dependerá dos sujeitos envolvidos no processo, mas existem outros elementos envolvidos, como as condições de realização do trabalho docente. Concordamos que “é preciso atuar em meio às contradições do modelo hegemônico vigente, no sentido de produzir movimentos que contribuam para o rompimento da dualidade educacional, o que também contribuirá para a superação do sistema capitalista.” (MOURA, 2013).

Lembramos que, sob a perspectiva da formação integral, as ações do professor devem se dar sempre no sentido de contribuir “[...] para o desenvolvimento, nos sujeitos, da capacidade de criação intelectual e prática, além de servir para a compreensão da totalidade social [...]” (MOURA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui feitas, nos permitem refletir sobre algumas questões importantes ao fazer cotidiano dos docentes de língua espanhola, comprometidos com a prática integradora. A primeira delas diz respeito ao fato de que possuir conhecimentos teóricos satisfatórios, é indispensável, porém, outros elementos, serão necessários à efetivação de seus objetivos na perspectiva em discussão. A formação acadêmica dos professores, possivelmente interferirá em sua prática pedagógica, porém, o compromisso ético-político deste profissional, será fator ainda mais decisivo.

Uma prática comprometida com a formação crítica de cidadãos comprometidos socialmente com o contexto em que vivem, não pode ser dissociada da formação ético-política e se esta não for privilegiada na formação de professores, provavelmente estes não a privilegiarão em suas práticas.

Apreendemos que no tocante ao estímulo à criticidade, elemento básico constituinte da formação humana, professores de espanhol, enfrentam algumas dificuldades no cotidiano de suas salas de aulas.

Combater a exclusão social através do ensino de um idioma não é tarefa fácil, visto que o tempo destinado à disciplina é muito curto e que a estrutura das escolas em geral é muito precária. Sob a égide de um modelo econômico que coloca o lucro como prioridade frente aos seres humanos, então, isso se torna um desafio ainda maior.

Não queremos negar os méritos dos profissionais que em suas práticas privilegiam os conteúdos linguísticos, visto que estes são elementos prioritários em aulas de qualquer língua estrangeira e, sim, suscitar a reflexão de que é possível utilizar esses elementos como motivadores da formação para a cidadania e que ambos podem ser trabalhados em sala de aula concomitantemente, sem causar prejuízos dos conteúdos próprios do idioma alvo.

Como quando tratamos de docência não existem receitas prontas, é sempre importante a compreensão de que mesmo aqueles profissionais que têm muitos anos de experiência, muitas vezes se sentem aprendizes no exercício de suas profissões, o que ao mesmo tempo em que pode ser algo angustiante e produtor de inseguranças, também poderá ser fomentador da busca pelo aperfeiçoamento da prática, que na maioria das vezes é sinônimo de tensão, tendo em vista que na melhor das hipóteses, o profissional que atua na disciplina de língua espanhola, dispõe de no máximo cinquenta minutos semanais com cada uma das turmas em que atua e o tempo é insuficiente para que todas as habilidades sejam exploradas.

Queremos deixar bem claro que não é objetivo nosso atribuir somente ao professor a responsabilidade da conscientização e, por conseguinte, da transformação social, principalmente com a falta de condições em que a imensa maioria desempenha suas atividades. Essa é uma responsabilidade compartilhada, porém, há um potencial muito grande nos esforços direcionados por professores para esse tipo de formação, visto que seu trabalho abrange um público razoável de pessoas, de uma só vez.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ronaldo de Lima e RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Referências sobre práticas formativas em educação profissional: O velho travestido de novo frente ao efetivamente novo.** In: Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v. 36, n.2, maio/ago. 2010. PP. 51-63.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A formação e profissionalização do educador: novos desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo (org) **Escola S. A.: Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo.** Brasília: CNTE, 1996. P. 75-205.

KUENZER, Acácia Zeneida. **A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios.** Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a04v32n116.pdf> Acesso em 07 de jul. de 2013.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa.** In: JAQUELINE MOLL & Colaboradores. (Org.). Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2009.

MANACORDA, Mário A. A pedagogia Marxista na Itália: Antonio Gramsci. In: Marx e a

Pedagogia moderna. São Paulo: Cortez, 1991.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA, Dante Henrique. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 23 de set. de 2015.

PISTRAK. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **A formação política do professor de 1º e 2º graus**. Campinas: Autores associados, 1995.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa**. In: JAQUELINE MOLL & Colaboradores. (Org.). Educação Profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2009.